

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT12.012

# REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO ALUNO-UNIVERSIDADE NA MODERNIDADE LIQUIDA: A IMPORTÂNCIA DO LOGOS NORTEADOR NA PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL

Davis Anzolin Lichote<sup>1</sup>  
Poliana Campos Cortês Luna<sup>2</sup>  
Débora Cristina Rosa<sup>3</sup>  
Matheus Garcia Coelho<sup>4</sup>

## RESUMO

Pensar na saúde mental dos estudantes universitários é compreender o contexto em que estes estão inseridos, ou seja, no ambiente social e educacional em que esses alunos constroem suas experiências e assim compreendem o mundo. Neste trabalho buscamos abordar sobre os aspectos atuais da sociedade, seus reflexos na saúde mental dos alunos e dos contextos da universidade à luz da sociologia de Zygmunt Bauman; buscando, no seu nexos com a psicologia, a fim de contribuir para uma reflexão sobre como lidar com os sofrimentos gerados por essas realidades e os desafios do processo educativo. O estudo chama a atenção ao fato que o logos deve ser o norteador do projeto de vida existencial, assim o aluno universitário pode se deparar com situações tanto no âmbito institucional, como nos conflitos relacionais, como nos desafios da pesquisa e até mesmo frustrações de expectativas que podem gerar sofrimentos e até psicopatologias relacionadas a esse sofrer. A

1 Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense - UENF, [davislichote@gmail.com](mailto:davislichote@gmail.com);

2 Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense - UENF, [polianaccluna@gmail.com](mailto:polianaccluna@gmail.com);

3 Mestranda em psicanálise pela Universidade Kennedy Argentina - UK, [deborarosapsicologa@gmail.com](mailto:deborarosapsicologa@gmail.com);

4 Graduado em Psicologia da Universidade Estácio de Sá - UNESA, [matheusgarcia Coelho@hotmail.com](mailto:matheusgarcia Coelho@hotmail.com);

compreensão de sentido diante desse sofrimento pode contribuir para a melhor saúde mental dessa pessoa, visto que quando damos sentido ao sofrimento, além de superá-los de forma mais resiliente, se tem a oportunidade de amadurecer seu interior e fortalecer suas emoções. Concluímos assim a relevância desse logos que direciona esse aluno no seu projeto de vida e nos seus desafios socioeducacionais.

**Palavras-chave:** Saúde Mental, Sentido, Universidade, Modernidade Líquida, Educação.

## INTRODUÇÃO

A sociedade tem experimentado transformações constantes ao longo da história. A contemporaneidade traz consigo especificidades nas relações de sentido que passam a vigorar neste período. Diversos autores têm se debruçado sobre essas especificidades das relações sociais, oferecendo suas percepções e apontamentos referentes ao tempo histórico presente.

Zygmunt Bauman cunhou o termo “modernidade líquida” para caracterizar, não apenas aquilo que a condição da modernidade deixou de ser, mas principalmente para ilustrar e ressaltar as qualidades que ela adquiriu, diferenciando-a de períodos anteriores. Esta condição, exige uma forma diferente de abordagem sociológica para analisar e estudar os fenômenos sociais e culturais contemporâneos (Oliveira, 2012).

Segundo Bauman a transição da modernidade para a pós-modernidade é marcada pela fluidez no modo de pensar, em contraste com as transformações mais concretas observadas na Revolução Industrial na Inglaterra ou na Revolução Político-social Francesa. O pensamento histórico-cultural perde suas referências temporais e espaciais fixas, assumindo uma nova forma que, embora ainda sólida, ocupa um novo espaço. Conseqüentemente, as estruturas de poder na sociedade estão sendo realocadas e redistribuídas, e os objetos não duráveis ganham proeminência, enquanto a durabilidade perde seu valor intrínseco (Bauman, 2003).

O processo de “derretimento dos sólidos”, característica permanente da modernidade, adquiriu um novo significado e foi redirecionado a novos alvos. Um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido as questões de ordem e sistema na agenda política. Os sólidos que estão sendo derretidos neste momento da modernidade fluida são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas, os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente e as ações políticas de coletividades humanas (Bauman, 2001).

É importante ressaltar que essa mudança social não ocorre abruptamente, mas sim como um processo gradual de transição do pensamento da sociedade sólido-moderna para o pensamento da sociedade moderno-líquida (Bauman, 2003). A modernidade sólida é caracterizada pelo pensamento científico, onde valores e ideais são moldados pela razão. Conseqüentemente, a relação do

homem contemporâneo com o mundo se altera, com as ideias passando a se basear na racionalidade.

A racionalidade, de fato, é uma marca distintiva da modernidade sólida, manifestando-se nas formas de trabalho, no controle populacional, nas lideranças autoritárias e dominadoras, bem como no avanço científico e tecnológico, na expansão do conhecimento e nas relações interpessoais que transcendem o âmbito familiar. As relações tornaram-se mais expansivas, a comunicação se ampliou, permitindo ao homem ter conhecimento de outros lugares, culturas e saberes (Bauman, 2003).

Bauman não estabelece uma data precisa para a transição da modernidade para a pós-modernidade, reconhecendo que essa transformação ocorre de forma gradual. Trata-se, essencialmente, de uma mudança na forma de pensar e perceber o mundo. O autor destaca que no século XXI adentramos a condição moderna, referindo-se à transição da modernidade sólida para a modernidade líquida, conceito que corresponde à ideia de pós-modernidade proposta por outros autores.

Para ilustrar esse movimento, Bauman (2001) parafraseia o filósofo norte-americano Ralph Emerson: *“Quando patinamos sobre gelo quebradiço, nossa segurança depende de nossa velocidade”*. Esta metáfora serve como diagnóstico da sociedade contemporânea, enfatizando a importância do tempo e a necessidade de decisões rápidas diante de situações difíceis, bem como a imperatividade de seguir em frente sem parar. No entanto, a velocidade não é propícia ao pensamento, especialmente ao pensamento de longo prazo. O ato de pensar demanda pausa e reflexão, tempo para recapitular os passos dados e examinar cuidadosamente o ponto alcançado. A ausência desse tempo para reflexão pode levar a equívocos na interpretação da realidade e nas decisões tomadas (Bauman, 2001).

A “modernidade líquida”, relata o autor polonês, é caracterizada por uma sociedade em que não há tempo suficiente para a consolidação das condições de ação sobre seus membros, pois suas rotinas, hábitos e formas de agir mudam constantemente. “A cultura líquido-moderna não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos de historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento” (Bauman, 2013, p. 37).

Esta nova fase contrasta com a modernidade sólida, marcada por sua conexão com o Positivismo, o Fordismo, a Revolução Industrial e inúmeros eventos e

teorias que formularam um mundo governado pela racionalidade, consagrada pelo Iluminismo, pela soberania da ciência, pelo cálculo, pela lógica, pela indústria, pela eficácia do planejamento e pela constância.

Em contraposição, a modernidade líquida é caracterizada pela leveza, inconstância e fluidez, trazendo consigo a transitoriedade e o dinamismo da movimentação constante. No entanto, esse movimento revela uma propensão à incerteza, ao sentimento de insegurança, à falta de garantias e proteção, e à exigência de liberdade num processo de individualismo crescente.

A metáfora do gelo quebradiço ilustra como a velocidade se torna um mecanismo de segurança e preservação no desafio da vida forjada na modernidade líquida, repleta de possibilidades para os mais ágeis. Percorrer esta trajetória de forma lenta e reflexiva pode ser interpretado como falta de habilidade na competição pela sobrevivência (Souza, 2012).

Não há mais espaço para o sólido, padronizado e permanente. O derretimento do sólido ocorre no fluxo do tempo, no transitório, na busca incessante pelo novo, que nem sempre é genuinamente diferente. Essa falta de construções sólidas implica na maneira como se enfrenta as realidades de vida dessa geração, exigindo habilidades para lidar com as frustrações provenientes da ausência de um “lugar seguro”. São as ambivalências características da modernidade líquida.

A fluidez desse tempo pode gerar mudanças significativas nos indivíduos imersos nesse modelo de sociedade, afetando suas relações, a forma de lidar com seus sofrimentos e a maneira como projetam sua existência, entre outros aspectos.

## METODOLOGIA

O presente trabalho adotou o método de revisão bibliográfica sistemática de coleta dados relevantes das publicações de Zigmunt Bauman, Victor Frankl e de outros autores que discutem a temática da relação aluno-universidade e modernidade líquida, permitindo uma compreensão ampla das transformações sociais contemporâneas. A interpretação dos dados buscou identificar os impactos e temas emergentes que ilustrem as características da modernidade líquida e sua influência na relação aluno-universidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em “Vida para Consumo” (2008), Zygmunt Bauman apresenta uma análise profunda e perspicaz sobre a transformação da sociedade contemporânea, elucidando a transição de uma sociedade de produtores, caracterizada pela estabilidade e segurança, para uma sociedade de consumidores, marcada pela instabilidade e fluidez. Esta mudança paradigmática não se limita apenas a aspectos históricos e sociais, mas representa uma profunda alteração na mentalidade coletiva e individual, redefinindo comportamentos, desejos e a própria forma de pensar o mundo.

Na sociedade dos produtores, o acúmulo de bens e capital tinha como objetivo primordial a preservação e a garantia de segurança a longo prazo. As características mais valorizadas nos bens eram a durabilidade e a solidez. O poder e o status social estavam intrinsecamente ligados à posse de terras, bens e meios de produção, proporcionando uma sensação de estabilidade e respeito pessoal. Em contrapartida, a sociedade de consumidores é regida pela cultura do imediato, promovendo o culto à novidade e ao consumo incessante. Bauman (2008, p.111) destaca a “negação enfática da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação”.

A economia moderna demanda um consumo rápido e uma produção voltada para a satisfação imediata dos desejos, que são constantemente renovados. Neste contexto, a durabilidade torna-se uma característica indesejável, sendo substituída pela busca por produtos leves, voláteis e descartáveis. Bauman (2008) argumenta que este ambiente existencial, denominado “sociedade de consumidores”, se distingue por uma reconstrução das relações humanas baseada no padrão das relações entre consumidores e objetos de consumo.

A transição da sociedade de produtores para a de consumidores é apresentada como um processo gradual, caracterizado pela emancipação dos indivíduos de condições predeterminadas para um cenário de escolhas limitadas, culminando em uma sociedade aparentemente livre de responsabilidades (Silva, 2012). No entanto, Bauman (2008) ressalta que, embora haja uma ênfase na escolha, esta não necessariamente se traduz em liberdade genuína. O autor aponta para a existência de influências externas que direcionam o consumo para além das necessidades básicas, criando um ambiente de incertezas e excesso.

Na sociedade de consumo, a busca pela felicidade torna-se um objetivo central, porém inalcançável. Bauman (2008) descreve este fenômeno como

um ciclo perpétuo de promessas e decepções, que mantém a cultura consumista em constante atualização. O homem contemporâneo é retratado como eternamente insatisfeito, encontrando satisfação apenas no ato de consumir e descartar. Isto é visto claramente nas relações humanas, nos produtos e também no aspecto do conhecimento.

A educação na era da liquidez segue o modelo mercadológico, com o conhecimento tornando-se descartável e a capacidade de aprender e esquecer rapidamente sendo mais valorizada do que a retenção de informações. Santos (2011) identifica uma crise multifacetada na educação superior, incluindo uma crise de hegemonia e uma crise institucional relacionada à autonomia universitária.

Lampert argumenta que a educação na era globalizada deve formar cidadãos para uma aldeia global, preservando raízes culturais em um contexto de mundialização. A instituição encontra-se desvalorizada e, muitas vezes, desacreditada, por não conseguir mais atender às necessidades sociais. Para se manter viva, a educação precisa construir um conhecimento que tenha sentido para os alunos, e não apenas informação, proporcionando uma formação integral, de valores éticos (Lampert, 2005).

A educação, na sociedade líquida, assume características de um produto de consumo, sujeito às demandas voláteis do mercado, desafiando os modelos tradicionais de educação institucionalizada. Bauman (2010)

Dessa forma a transição para uma sociedade de consumo líquida apresenta desafios significativos para a educação e a formação humana. É imperativo desenvolver abordagens educacionais que promovam consciências críticas e se adaptem ao contexto dinâmico da vida contemporânea, transcendendo os limites institucionais tradicionais e abraçando uma perspectiva mais ampla de formação pessoal e coletiva. O contexto da educação deve se vincular cada vez mais ao contexto da vida, formando indivíduos capazes de navegar criticamente em um mundo saturado de informações e em constante mudança.

Nesse cenário global marcado por crises econômicas, políticas e sociais, observa-se uma crescente perda de referências e tradições culturais, levando a uma diluição do sentido da vida. A necessidade de uma abordagem antropológica que permita ao ser humano enfrentar os desafios existenciais de forma sistemática é evidenciada, enfocando na essência humana antes de suas ações (Frankl, 2005).

A ilusão de que a melhoria das condições socioeconômicas seria suficiente para garantir a felicidade se desfaz, confrontada pela perene luta pela sobrevivência e pela busca de um propósito de vida, revelando que muitos possuem os meios para viver, mas carecem de um motivo pelo qual viver (Frankl, 2005).

A contemporaneidade enfrenta problemas mais atrelados ao ter do que ao ser, com a globalização, a massificação cultural, e a busca incessante pela felicidade evidenciando uma crise existencial. A ênfase no materialismo e no consumismo aliena o indivíduo de sua essência. Giordani (2009) reitera o filósofo existencialista Gabriel Marcel salientando que a transformação do ser humano em entidades cada vez mais distantes de si mesmas e dependentes de uma sociedade consumista.

A posse de bens materiais, desde livros a ideias, ameaça engolir a identidade do indivíduo, tornando-o prisioneiro de uma deficiência ontológica, com a perda do ser (Giordani, 2009).

A falta de metanarrativas orientadoras agrava a desorientação humana, com Victor Frankl (2003) apontando para as perdas evolutivas de instintos animais básicos e de tradições que antes guiavam o comportamento e as escolhas humanas, deixando o homem à mercê de suas próprias decisões.

No campo educacional, a desvalorização da memória e do conhecimento tradicional enfraquece a profundidade existencial, privilegiando o novo e o tecnológico em detrimento dos valores e princípios passados, essenciais para a construção de um conhecimento significativo (Miguez, 2019). Frankl (2003) destaca a importância dos valores tradicionais como orientadores na busca por um propósito de vida, cuja ausência leva a um vazio existencial.

A busca frenética por felicidade no imediatismo e no consumismo, como resposta à alienação social e ao vazio existencial, é criticada por Frankl (2007), que defende a importância de projetos de vida significativos e de longo prazo, fundamentados no logos, ou seja, na vontade de encontrar um sentido profundo para a vida. O logos, segundo Frankl (2007), deve orientar a construção de um projeto de vida consistente, motivando o indivíduo a dedicar-se a uma causa. Encontrar esse logos é um desafio individual, que exige a reconexão com valores universais, tradições e princípios éticos, em um mundo cada vez mais desvinculado desses alicerces (Frankl, 2007).

A jornada em busca do logos, conforme delineado por Frankl (2007), é uma empreitada individual que exige introspecção e um compromisso com valores que transcendem o imediatismo e o materialismo prevalentes na socie-

dade contemporânea. Este processo de busca por um sentido de vida não apenas confronta o indivíduo com a necessidade de definir e perseguir objetivos significativos, mas também o coloca em um caminho de autoconhecimento e realização pessoal.

A ênfase na importância do ser sobre o ter, e na busca por um propósito que confira sentido à existência, ressalta a crítica ao consumismo e à alienação social que caracterizam a era moderna. A sociedade atual, com sua valorização excessiva do sucesso material e da felicidade efêmera, muitas vezes negligencia a profundidade e a riqueza que derivam de uma vida pautada em valores autênticos e em um compromisso com algo maior do que si mesmo.

Esta abordagem, fundamentada na busca pelo logos, não apenas propõe uma alternativa ao vazio existencial promovido pela cultura contemporânea de consumo, mas também sugere uma reorientação dos valores pessoais e sociais em direção a uma maior autenticidade e significado. Ao enfatizar a importância do autoconhecimento e do compromisso com valores transcendentais, Frankl nos lembra que a verdadeira satisfação e felicidade derivam de uma vida vivida com propósito e significado, não de realizações materiais ou sucesso superficial.

A sociedade moderna, com sua rápida evolução tecnológica e suas constantes demandas por novidade e consumo, frequentemente nos distrai do essencial, levando-nos a confundir os meios com os fins. Nesse cenário, a busca pelo logos se torna um ato de resistência contra a tendência de medir o valor da vida pelos padrões de sucesso e acumulação impostos pelo sistema. Ao invés disso, essa busca nos encoraja a definir o sucesso em nossos próprios termos, com base em valores internos e na contribuição para algo maior do que nós mesmos.

A jornada em busca do logos também implica em enfrentar e aceitar os desafios e sofrimentos inerentes à condição humana, reconhecendo-os como oportunidades para o crescimento pessoal e para a descoberta de um sentido mais profundo. Frankl argumenta que, mesmo nas circunstâncias mais adversas, o indivíduo tem a liberdade de escolher sua atitude em relação a essas situações, podendo encontrar significado e propósito mesmo na dor e no sofrimento.

Essa perspectiva é particularmente relevante em um mundo onde a incerteza e a mudança são constantes. Ao adotar uma postura proativa na busca por um sentido de vida, o indivíduo não apenas encontra a resiliência necessária para enfrentar as adversidades, mas também desenvolve uma sensação de paz interior e satisfação que não depende das circunstâncias externas.

A reconexão com tradições e valores universais é vista como um antídoto para o vazio existencial que aflige muitos no mundo contemporâneo. A tradição, com sua capacidade de transmitir sabedoria e orientação através das gerações, oferece um contraponto vital ao individualismo e à fragmentação social. Ela fornece um senso de continuidade e pertencimento, elementos essenciais para a construção de uma identidade sólida e de um projeto de vida coerente.

No entanto, a tarefa de encontrar e seguir o próprio logos é desafiadora, especialmente em um contexto que frequentemente valoriza o pragmatismo em detrimento da reflexão profunda. O indivíduo moderno, confrontado com a pluralidade de escolhas e a pressão constante por eficiência e sucesso, pode achar difícil dedicar tempo e energia à contemplação dos valores fundamentais que deveriam orientar sua existência.

A educação, nesse contexto, desempenha um papel crucial ao fornecer as ferramentas necessárias para que os indivíduos possam explorar e compreender o mundo ao seu redor, bem como suas próprias inclinações e aspirações. Uma educação que valorize o pensamento crítico, a criatividade e a reflexão ética é fundamental para preparar as pessoas para a tarefa de construir vidas significativas, baseadas em um entendimento profundo de si mesmas e de seu lugar no mundo.

Essa busca por um sentido de vida, guiada pelo logos, é um convite à reflexão e ao engajamento com questões fundamentais da existência. Ela requer uma disposição para questionar, explorar e, eventualmente, comprometer-se com valores e objetivos que conferem profundidade e propósito à vida. Este é um caminho que, embora repleto de desafios, oferece a promessa de uma existência mais rica e autêntica, marcada pela realização pessoal e pela contribuição significativa para o mundo.

Gilles Lipovetsky, em sua análise de 2005, introduz o conceito de “coletivismos miniaturizados” para descrever uma tendência contemporânea em que os laços sociais são formados em torno do individualismo, em detrimento de compromissos coletivos de longo prazo, como fidelidade política, lealdade a uma única empresa ao longo da carreira, ou a manutenção de promessas. Essa ênfase na satisfação individual leva a um distanciamento das realidades coletivas da vida, criando uma sociedade onde, apesar da presença física em diversos grupos e instituições, não há um verdadeiro sentido de pertencimento – um fenômeno que Jean-François Lyotard descreve como uma “massa composta por átomos individuais” em sua obra de 2009. Zygmunt Bauman, por sua vez, reflete

sobre essa condição em 2007, observando a fluidez das relações contemporâneas, onde nada é suficientemente duradouro para se consolidar, tornando tudo relativo e minando a estabilidade dos projetos de vida individuais.

Essa ausência de um logos norteador, combinada com a liquidez das relações sociais, contribui para um estado de vazio existencial, característico dos tempos modernos. Como resultado, observa-se um aumento nas doenças psicossomáticas, depressão e compulsões, evidenciando a perda de um senso de direção civilizatória e um esgotamento da humanidade, que busca preencher esse vazio com algo verdadeiramente significativo. Victor Frankl, citando Friedrich Nietzsche, ressalta a importância de encontrar um propósito de vida, sugerindo que “Quem tem um por que viver pode suportar quase qualquer como” (Frankl, 2007). Para Frankl, essa busca por sentido é essencialmente espiritual, refletindo uma sede de significado que transcende o físico e o mental.

Frankl propõe uma visão tridimensional do ser humano, influenciada pelo filósofo Max Scheler, que compreende as dimensões somática (física), psíquica (mental/psicológica) e noética (espiritual). É na dimensão espiritual que Frankl concentra seus estudos, considerando-a diretamente ligada ao espírito ou nous, o aspecto propriamente antropológico do ser humano. Scheler, por sua vez, enfatiza a capacidade única do ser humano de transcender a si mesmo e ao mundo material, posicionando-se como um ser espiritual capaz de objetivar o conhecimento a partir de uma perspectiva que vai além do espaço-temporal.

Essa abordagem holística do ser humano, que reconhece a importância da dimensão espiritual na busca por um sentido de vida, oferece uma alternativa ao individualismo e à liquidez das relações contemporâneas. Ao enfatizar a necessidade de transcender o imediatismo e o materialismo, Frankl e Scheler apontam para a possibilidade de uma existência mais plena e significativa, fundamentada na capacidade humana de buscar um propósito que transcenda as limitações físicas e mentais, orientando-se por valores espirituais e éticos.

Influenciado por Max Scheler e em contraste com outras abordagens psicológicas, Victor Frankl se afasta da ideia de que o ser humano é meramente determinado pela satisfação de impulsos, como sugere a teoria psicanalítica, ou pela busca de prestígio social, conforme a visão de Alfred Adler. Frankl propõe uma cosmovisão orientada para a dimensão espiritual, defendendo que o ser humano é capaz de transcender suas dimensões corporal e psíquica, esforçando-se por meio de sua existência noética para realizar seu ser (Frankl, 1997). Essa perspectiva coloca o projeto de vida do indivíduo em uma busca por sentido,

fundamentada nessa cosmovisão espiritual, que se torna crucial para orientar a vida humana e recuperar a liberdade de vontade.

A vontade de sentido é destacada por Frankl (2007) como a motivação primária na vida do ser humano, um sentido que é específico e dinâmico, variando de pessoa para pessoa e de momento para momento. Frankl enfatiza a singularidade e insubstituibilidade do indivíduo, cuja vocação e missão particulares são únicas e devem ser realizadas por ele mesmo. Essa busca por sentido é tão fundamental que o ser humano é capaz de viver e morrer por seus ideais e valores, encontrando no ato de doação a si mesmo a resposta para o sentido da vida.

Frankl (2003) argumenta que o ser humano possui um pré-saber acerca do sentido, uma inclinação inata para acreditar em um propósito, mesmo que não o reconheça conscientemente. Essa vontade de sentido expressa a abertura do ser humano ao mundo, sua dimensão transcendente, que busca uma realização de sentido como razão para a felicidade, não encontrada no ter ou no prazer, mas na realização de um propósito.

No entanto, a vontade de sentido pode ser frustrada quando se distancia de seu logos norteador, levando a uma frustração existencial e ao contato com o vazio existencial. Esse estado de angústia, característico do ser-no-mundo<sup>5</sup> com temporâneo, pode manifestar-se em diversas formas psicopatológicas, como melancolias, manias, esquizofrenias, histeria e perturbação obsessivo-compulsiva (Teixeira, 2006).

Frankl (2007) identifica duas manifestações concretas do sentimento de vazio existencial: o tédio, que gera falta de interesse e desânimo, e a apatia, que resulta em indiferença e falta de esperança. A origem desse vazio pode ser cultural, social ou psicológica, influenciada pelo imediatismo da modernidade líquida, pelas dinâmicas sociais de consumismo e desprendimento, e pela cultura do narcisismo, que limita a transcendência pessoal e compromete a construção de projetos de vida significativos.

A psicopatologia emerge dessa falta de sentido, especialmente em indivíduos que falham em seus esforços desesperados de autoafirmação e exibicionismo, solicitados pelos valores culturais do narcisismo e da sociedade do espetáculo. O ser humano, em constante mudança e transformação, vive uma

5 O termo ser-no-mundo (*In-der-Welt-sein*) é uma definição do filósofo alemão Martin Heidegger para explicar a noção do ser (*dasein*) que está essencialmente vinculado ao mundo, situação que faz parte de sua constituição. O mundo do Dasein é mundo compartilhado (*Mitwelt*) e não um eu isolado, onde os "outros" significariam o "resto" além de mim (Giordani, 2009).

existência finita, marcada por capacidades e fragilidades pessoais, bem como por oportunidades e limitações ambientais. Aprender a viver de forma mais autêntica, verdadeira em relação a si mesmo e coerente com suas próprias possibilidades e limitações, é essencial para criar continuamente uma identidade própria, mesmo diante das incertezas do futuro (Teixeira, 2006).

Victor Frankl (2007) destaca a importância da tensão interna como um elemento fundamental para a saúde mental, contrapondo-se à ideia de equilíbrio homeostático como ideal de saúde mental proposto pelo modelo da ciência biológica. Para Frankl, a saúde mental é sustentada por um certo grau de tensão entre o que já foi alcançado e o que ainda se aspira alcançar, ou entre o que se é e o que se deveria ser. Essa tensão, denominada por Frankl como noodinâmica, é essencial para a existência humana, pois se estabelece entre o homem e o sentido, entre o ser e o dever-ser. A verdadeira questão para o homem, portanto, não é alcançar um estado livre de tensão, mas sim a livre escolha de buscar um propósito de vida que valha a pena, transcendendo ao vazio existencial por meio da consciência de seu ser responsável.

Frankl argumenta que cada situação na vida apresenta um desafio específico, ressaltando a importância de encontrar o sentido da vida não de forma geral, mas no contexto de cada momento vivido. A vocação e os interesses de cada pessoa são únicos, assim como as oportunidades de realização. Quando o logos é encontrado, a vida é dotada de sentido, mesmo diante da perda de instintos vitais ou do enfraquecimento das tradições. A felicidade, então, não é vista como um fim em si, mas como o resultado de missões realizadas, dependendo da maneira como cada indivíduo se engaja com suas experiências.

Para facilitar a busca pelo sentido da vida, Frankl (2003) identifica três categorias de valores: criativos, vivenciais e atitudinais. Os valores criativos referem-se à capacidade de realizar algo no mundo de forma singular, os valores vivenciais à capacidade de experimentar a verdade, a beleza e a bondade, e os valores atitudinais à capacidade de transformar o sofrimento inevitável em uma realização humana. Essas categorias baseiam-se em uma compreensão ontológica pré-reflexiva<sup>6</sup> da experiência humana, onde o homem já possui um saber existente que precisa ser tornado consciente.

<sup>6</sup> Victor Frankl (2007) faz uma análise fenomenológica para mostrar que toda pessoa simples tem a compreensão de si mesmo e está em constante confronto com sua existência, podendo ele encontrar o sentido da vida por alguma categoria de valor (Frankl, 2007, pág.89-97).

A capacidade de transformar o sofrimento em uma oportunidade de crescimento é central para a abordagem de Frankl. Ele destaca a resiliência como a capacidade do homem de enfrentar situações adversas, superá-las e sair fortalecido, transformando a dor em possibilidade de crescimento. A resiliência é sustentada por diversos pilares, incluindo a adaptação às situações adversas, a autoestima, a esperança, a fé, a espiritualidade, o senso de humor, a atitude positiva, a capacidade de controlar impulsos, a flexibilidade, a criatividade e a empatia.

No contexto da pós-graduação, os estudantes podem enfrentar uma variedade de situações desafiadoras, desde conflitos relacionais até frustrações de expectativas, que podem gerar sofrimento e até psicopatologias relacionadas. A atitude diante desse sofrimento é crucial para a saúde mental do estudante, pois ao dar sentido ao sofrimento, além de superá-lo de forma mais resiliente, há a oportunidade de amadurecer interiormente e fortalecer as emoções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernidade líquida, conceito desenvolvido por Zygmunt Bauman, caracteriza-se pela transição da sociedade de produtores para a sociedade de consumidores. Como discutido no primeiro capítulo deste trabalho, essa mudança trouxe consigo profundas alterações na mentalidade e no comportamento humano.

Na sociedade líquida, as relações humanas tornaram-se efêmeras e superficiais, não mais concebidas para perdurar, mas para serem consumidas e descartadas. O consumo emergiu como o aspecto central da “vida líquida” – o indivíduo necessita consumir para afirmar sua existência, sendo seu valor percebido não mais pelo que possui, mas pelo quanto consome.

O tempo na sociedade contemporânea parece ter se transformado. Abandonou-se a noção cíclica em favor de uma percepção de simultaneidade, na qual a produtividade é exigida em todas as esferas da vida, comprometendo a capacidade reflexiva. É comum o homem moderno sentir-se sobrecarregado e constantemente fatigado, pressionado pela necessidade de consumir e produzir cada vez mais.

Observamos que a frustração e o vazio existencial são sentimentos prevalentes nessa sociedade líquida. Torna-se imperativo que o indivíduo encontre o sentido de sua vida – seu logos norteador – que reverbera no processo de busca

pela saúde mental. Compreender esse contexto moderno líquido é fundamental para uma melhor percepção do aluno que se encontra na universidade.

O ingresso na pós-graduação representa, por si só, uma etapa de vida que pode desencadear diversas mudanças, como o afastamento do núcleo familiar, alterações nos círculos sociais e a adaptação ao ambiente acadêmico e às exigências da pesquisa. Esse processo de adaptação pode ser extremamente estressante para o discente e, quando prolongado, pode levar ao desenvolvimento de psicopatologias.

Diversas pesquisas corroboram este trabalho, demonstrando como fatores estressores – tais como as incertezas sobre o futuro profissional, a relação com o orientador e a pressão por produção acadêmica – afetam a saúde mental e, conseqüentemente, a saúde física dos alunos de pós-graduação. Esses elementos podem gerar sofrimento psíquico manifestado em forma de ansiedade, síndrome de burnout, depressão e, em casos extremos, podem levar ao suicídio.

A complexidade da vida acadêmica na pós-graduação, quando sobreposta às características da modernidade líquida, cria um cenário particularmente desafiador para os estudantes. Este ambiente exige uma constante adaptação e resiliência, habilidades nem sempre facilmente desenvolvidas no contexto da “liquidez” social.

É importante ressaltar que a pressão por produtividade acadêmica, muitas vezes quantificada por métricas como número de publicações ou fator de impacto, pode entrar em conflito direto com o tempo necessário para reflexão profunda e desenvolvimento de ideias inovadoras. Esta dicotomia entre quantidade e qualidade reflete, em escala menor, a lógica consumista da sociedade líquida, onde o valor imediato e a novidade constante são priorizados em detrimento da profundidade e da durabilidade.

Ademais, o ambiente competitivo da academia, intensificado pela escassez de recursos e oportunidades, pode exacerbar sentimentos de inadequação e ansiedade entre os pós-graduandos. A constante comparação com pares e a busca incessante por reconhecimento acadêmico podem levar a um ciclo vicioso de autocobrança excessiva e esgotamento emocional.

Por fim, é importante ressaltar que, embora os desafios da modernidade líquida sejam significativos, eles também oferecem oportunidades para repensar e reformular as práticas acadêmicas. A flexibilidade e a capacidade de adaptação, características valorizadas neste contexto, podem ser canalizadas para

criar ambientes de aprendizagem mais inclusivos, colaborativos e centrados no bem-estar integral do estudante.

A compreensão profunda desses fenômenos e a implementação de medidas efetivas para abordar essas questões são fundamentais não apenas para a saúde mental dos pós-graduandos, mas também para garantir a qualidade e a relevância da produção acadêmica em um mundo em constante transformação.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN Z.. Vida para o consumo: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2008.

BAUMAN Z.. Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2010.

BAUMAN Z.. Sobre educação e juventude: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2013.

BAUMAN Z.. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2003.

BAUMAN Z.. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2001.

FRANKL, V. E.. A presença ignorada de deus. 7ª Ed. Petrópolis: **Vozes**, 1997.

FRANKL, V. E.. Psicoterapia e sentido da vida. 4ª Ed. São Paulo: **Quadrante**, 2003.

FRANKL, V. E.. Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo. 11ª Ed. Aparecida-SP: **Ideias & Letras**, 2005.

FRANKL, V. E.. Em busca de sentido. 24ª Ed. Petrópolis: **Vozes**, 2007.

GIORDANI, M. C.. O Existencialismo à luz da filosofia cristã. Aparecida, SP: **Ideias & Letras**, 2009.

LAMPERT, E.. Pós-modernidade e educação. In: LAMPERT, Ernâni. Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre: **Sulina**, 2005.

LIPOVETSKY, G.. A era do vazio. Barueri: **Ed. Manole**, 2005.

LYOTARD, J.. A condição pós-moderna. 17ª Edição. Rio de Janeiro: **José Olympio Editora**, 2009.

MIGUEZ, E. M.. Educação em Viktor Frankl: entre o vazio existencial e o sentido da vida. Curitiba-PR: **Brazil Publishing**, 2019.

OLIVEIRA A.. Qualidade de vida e fatores de risco de professores universitários. **Revista educação física UEM**, vol.23, n.1, pp.57-67, 2012.

SANTOS, M. L.. Saúde mental e comportamentos de risco em estudantes universitários. **Tese de Doutorado apresentada à Universidade de Aveiro**, 2012.

SILVA, A.. A Sociedade Contemporânea: A Visão de Zygmunt Bauman. **Revista Nexi - SP**. N. 2, 2012.

SOUZA, W. M. L.. Uma excursão pelo contemporâneo a partir do conceito de modernidade líquida de Zygmunt Bauman. Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Cuiabá-MT, Dissertação de mestrado Universidade Federal de Mato Grosso, **Instituto de Linguagens**, 2012.

TEIXEIRA, J. A. C.. Problemas psicopatológicos contemporâneos: Uma perspectiva existencial. Aná. **Psicológica**, vol.24, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300017&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0870-8231. Acesso em: 06 fev. 2024.